

A Novella Nacional

MONTEIRO LOBATO

OS NEGROS

Num. 2

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO
RUA DIREITA, 27-sob. — S. PAULO — 1931

1\$000

A NOVELLA NACIONAL

DIRECÇÃO DE AMADEU AMARAL (DA ACADEMIA BRASILEIRA).

A Novella Nacional é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor literatura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível, e que se pôde condensar no lemma: **livro bom e bonito ao alcance de todos.**

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato 16 1/2 X 12 1/2 centímetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de autor conhecido.

Estão publicados os dois primeiros volumes:

1 — A Pulseira de Ferro por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac na Academia Brasileira.

“É no genero uma verdadeira obra prima” — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

2 — Os Negros por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de *Jéca Tatú*.

Estão no prélo mais dois volumes:

3 — Ritinha por LÉO VAZ, o festejado auctor do *Professor Jeremias*, romance que obteve o maior successo literario da actualidade alcançando tres edições em poucos mezes.

4 — Mula sem cabeça por GUSTAVO BARROSO, (João do Norte), o famoso escriptor cearense, auctor da *Terra de Sol*, *Heroes e bandidos* e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

A seguir, novellas de:

COELHO NETTO, AFRANIO PEIXOTO,

VALDOMIRO SILVEIRA, CORNELIO PIRES e outros.

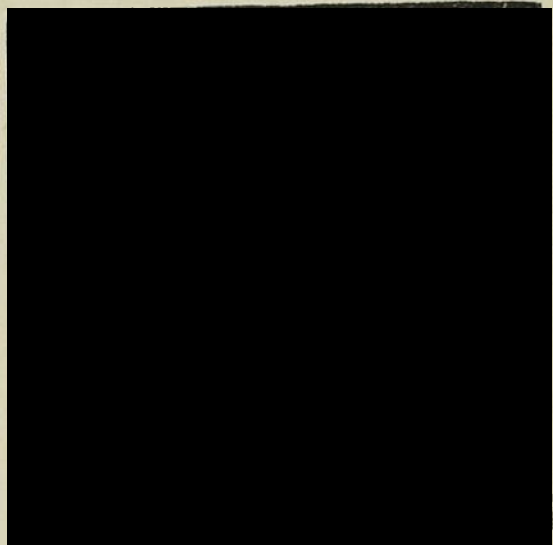
Cada volume, 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de 3 novellas	3\$500
» » 6 »	6\$500
» » 12 »	12\$000

Pedidos á **SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**
RUA DIREITA N. 27 - 2. andar — CAIXA POSTAL N. 1172 — SÃO PAULO

OS NEGROS



ILLUSTRAÇÕES DE
RUY FERREIRA

MONTEIRO LOBATO

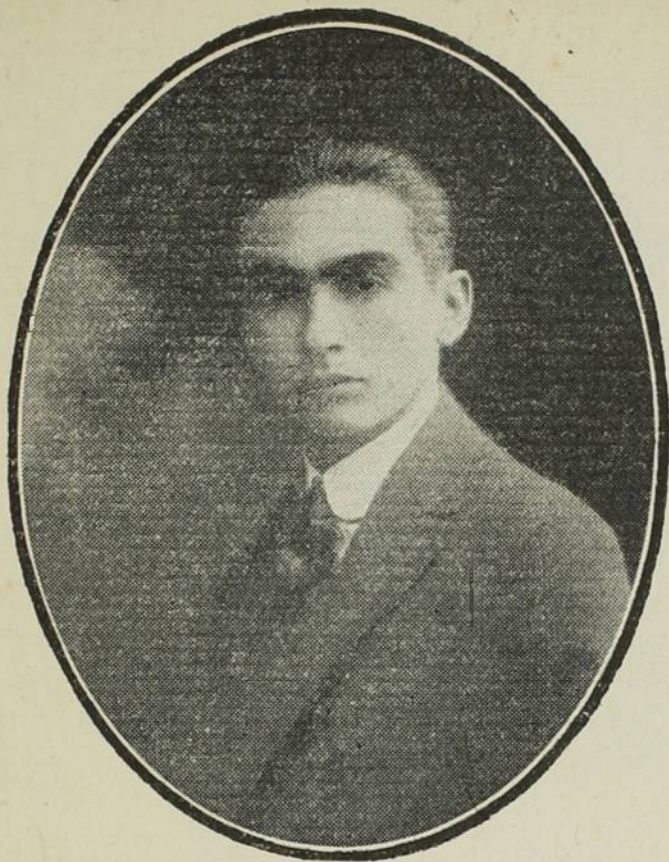
OS NEGROS

OU “ELLE,, E O “OUTRO,,

NOVELLA CINE-ROMANTICA, COM PIOS DE
CORUJA, NOITE TEMPESTUOSA, MORTES
TRAGICAS E OUTROS INGREDIENTES DE
TOMO; LEITURA PERIGOSA ÀS MENINAS
HYSTERICAS E AOS VELHOS CARDIACOS
QUE CREEM EM ALMAS DO OUTRO MUNDO.

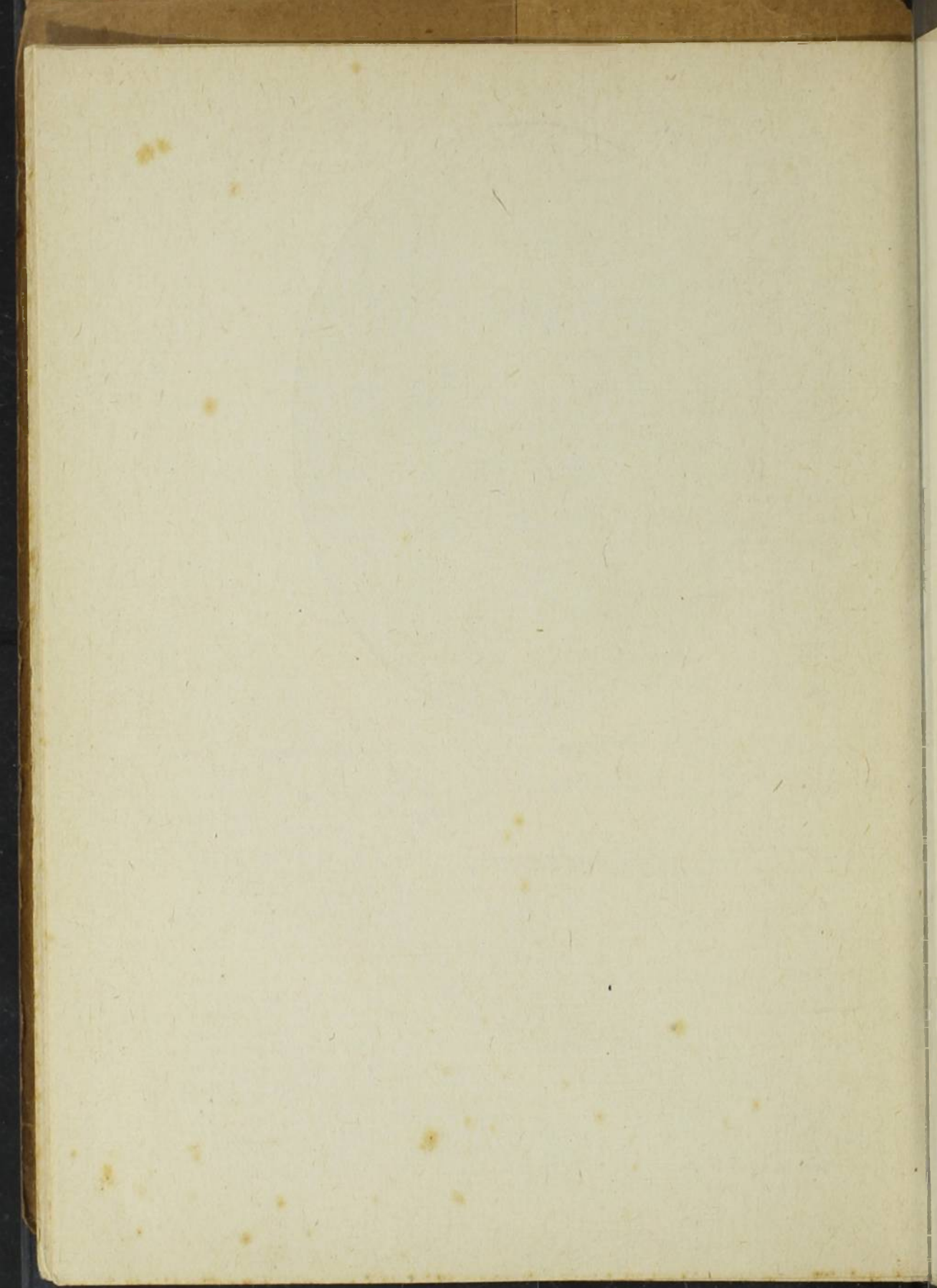


SOC. EDITORA OLEGARIO RIBEIRO
RUA DIREITA N. 27 - SOBR. — SÃO PAULO



Monteiro Lobato

José Bento Monteiro Lobato nasceu em Taubaté aos 18 de Abril de 1884, de antiga familia da localidade. Formou-se em direito pela Faculdade de São Paulo e foi promotor publico em Arêas, abandonando, porém, a carreira, não só da magistratura, como das letras juridicas, para se dedicar a outras actividades. Iniciou-se como escriptor, publicamente, ainda como estudante, e quasi sempre sob o pseudonymo de HELIO BRUMA. Foi fazendeiro em Caçapava durante alguns annos. Hoje reparte os seus labores entre a litteratura e a empresa editora de que é chefe (a mesma empresa da «Revista do Brasil»). O seu primeiro livro, de grande successo em todo o Brasil, foi o dos «Urupês», que, lançado em 1918, já está em 6.a edição e ainda terá muitas outras. Seguiram-se: «Idéas de Jéca Tatú», 1919; «Cidades mortas», 1919; «Problema vital», (serie de artigos publicados no «Estado de São Paulo»), 1919; «Negrinha», 1919; «A Menina do Narizinho Arrebitado», historia para crianças, 1920. Tem collaborado, entre outros, nos seguintes jornaes e revistas: «Estado de São Paulo», «Correio da Manhã», «O Jornal», «Jornal do Brasil», «Revista do Brasil», «A Vida Moderna», etc. As suas primeiras armas, à parte algumas escapadas, foram feitas n'«O Minarete», brilhante jornalzinho que se publicou em Pindamonhangaba, ha pouco mais de 15 annos, e de onde sahio toda uma serie de moços que fizeram bella carreira.





I

Viajavamos fuma vez pelas regiões desertas por onde o carro triumphal de Sua Magestade o Café passou, puxado pelo Negro, quando as nuvens do céo, rebojudas até alli, entraram a desmanchar-se. Signal infallivel de chuva. Para confirmal-o um vento brusco, raspante, veiu quebrar o mormaço, vascollejando a terra como a prevenil-a do imminente banho meteorico. Remoinhos de poeira sorviam folhas seccas, e gravetos, que lá torvelinhavam em espiraes pelas alturas. Soffreando o animal, parei, a examinar o céo.

— Não ha duvida, disse ao meu companheiro, temol-a e boa! O remedio é acoutarmo-nos quanto antes ahi n'algum socavão, que agua vem, de rachar.

Circumvaguei os olhos em torno. Morraria aspera a perder-se de vista, sem uma casota de palha a acenar-nos com o "corre aqui".

— E agora? exclamou desnordeado o Jonas, marinheiro de primeira viagem que tudo fiava da minha experiencia.

— Agora é galopar. Atrás deste espigão fica uma fazenda em ruinas, de má nota, mas unico oasis possivel nesta emergencia. Casa do Inferno, chama-lhe o povo.

— Pois tóca para o inferno já que o céu nos ameaça, retorquiu Jonas dando de esporas e seguindo-me por um atalho.

— Tens coragem? gritei-lhe. Olha que é casa mal assombrada!...

— Bemvinda seja. Annos ha que procuro uma sem topar cousa que preste. Correntes que se arrastam pela calada da noite?

— Dum preto velho que foi escravo do defunto capitão Aleixo, fundador da fazenda, ouvi coisas de arrepiar!...

Jonas, a creatura mais gabola deste mundo, não perdeu vasa duma pacholice:

— D'arrepiar a ti, que a mim, bem o sabes, só me arrepiam correntes de ar...

— Acredito, mas tóca, que o diluvio não tarda. O céu ennegrecera por igual. Um relampago

fulgurou, seguido de formidável ribombo que lá se foi ás cabeçadas pelos morros té perder-se distante. E os primeiros pingos vieram, escoteiros, pipocar no chão resecco.

— Espóra, espóra!

Em minutos vingávamos o espigão, de cujo topo vimos a casaria maldita, tragada a meio por mataréo de tapera. Os pingões mais e mais amiudavam e já eram agua de molhar quando a ferradura das bestas estrepitou com faiscas no velho terreiro de pedra. Surrucados por elle a dentro, rumo dum telheiro em aberto, lá aparamos afinal, esbaforidos, mas a salvo da molhada.

E as bategas vieram, furiosas, em cordas d'agua a prumo, como devia ser o chuveiro biblico do diluvio universal.

Examinei o couto. Telheiro de carros e tropa, derruido em parte. Os esteios, da cabiúna eterna, tinham os nabos á mostra — tantos enxurros correram por alli erodindo o solo. Por elles marinava a Caetaninha, essa mimosa alcatifa dos tapumes, toda rosetada de flores amarellas e pingentada de melõesinhos de bico, côr de canario. Tambem aboboreiras viçavam na tapera, trepando victoriosas pelos espeques, para enfolhar no alto, entremeio das ripas e caibros a nú. Suas flores grandalhudas, tão caras ás mamangavas, manchavam d'amarello pallido o tom crú da folhagem verde-negra. Fóra, a pouca distancia do telheiro, a casa grande erguia-se, vislumbrada apenas, áquell'hora, através da cortina d'agua.

E agua a cair. E a trovoadá a escalejar echos pela morraria intermina. E o meu amigo, tão calmo sempre, e alegre, a exasperar-se :

— Raio de peste de tempo desgraçado ! Já não posso almoçar em Vassouras amanhã, como pretendia.

— Chuva de corda não dura hora, consolei-o.

— Sim, mas é possível alcançar o tal pouso do Alonso inda hoje ?

Consultei o patacão.

— Cinco e meia ! E' tarde. Em vez de Alonso temos que grammar o Aleixo. E dormir com as bruxas, mais a alma do capitão infernal.

— Inda é o que vale, philosophou o impenitente Jonas. Que assim ao menos temos o que contar amanhã.

II

O temporal durou meia hora, e ao cabo amainou, com os relampagos espacejados e os trovões a roncarem muito longe dalli. Apesar de proxima a noite inda tinhamos uma hora de luz para sondar o terreno.

— Ha de morar aqui por perto algum urumbeva, disse eu. Não existe tapera sem lacraia. Vamos á cata desse bemdito urupé.

Encavalgamos de novo e saimos a rodear a fazenda.

— Acertaste, amigo ! exclamou de repente Jonas, divisando uma casinhola erguida entre moitas a duzentos passos de distancia.

OS NEGROS

— Bico-de-papagaio, pé de mamão, terreirinho limpo: é o urumbeva sonhado!..

Para lá nos dirigimos e já do terreiro gritamos o “ó de casa!” Uma porta abriu-se enquadrando o vulto d’um tio velho de cabellos russos. Com que alegria o saudamos...

— Pae Adão, viva!

— Vassuncristo! respon-
deu.

Era dos legitimos...

-- P’ra sempre, disse eu. Estamos aqui trancados pela chuva e impedidos de proseguir viagem. Tio Adão ha de...

— Tio Bento, p’ra servir os brancos.

— Tio Bento ha de arranjar-nos pouso por esta noite.

— E boia, accrescentou o Jonas, que tenho a caixa das empadas a dar horas.

O excellente negro sorriu-se, com a gengivada inteira á mostra e disse :

-- Pois é apeiar. Casa de pobre mas de bom coração.

Quanto a “de comer”, comidinha de negro velho, já sabe...

Apeamo-nos, alegremente.

— Angú? chasqueou o Jonas.

O negro riu-se:

— Já se foi o tempo do angú com “bacalhau”...

— E não deixou saudades, hein, tio Bento?

— Saudades não deixou, não, eh, eh...

— P’ra vocês, pretos, que entre os brancos muitos ha que choram esse tempinho de vaccas gordas. Não fosse o Treze e não estava agora eu aqui a arrebentar as unhas neste raio de latego que encrúou com a chuva e não ata nem desata. Era servicinho do pagem...

Desarreamos as bestas e depois de soltal-as penetramos na casa sobraçando a bugigangaria. Vimos, então, que era pequena demais para nos abrigar aos tres.

— Amigo Bento, olha: não cabemos aqui tanta gente. O melhor é accomodarmo-nos na casa grande, que isto não é casa de bicho-homem, é ninho de cuitelo...

— Os brancos querem dormir na casa mal-assombrada? exclamou, admirado, o preto. Não aconselho, não. Alguem já fez isso, mas arrependeu-se depois.

— Arreponder-nos-emos tambem, depois, amanhã, mas já com a dormida no papo, disse Jonas.

E como o preto abrisse a bocca, concluiu:

— Você não sabe o que é coragem tio Bento! Escoramos sete. E almas, então, uma duzia! Vamos lá. Está aberta a casa?

— A porta do meio emperrou, mas á força de hombros deve abrir.

— Abandonada ha muito tempo ?

— “Quizano”! Des’ que morreu o ultimo filho do capitão Aleixo ficou assim, ninho de morcego e suindara.

— E porque a abandonaram ?

— “Descabeçada” do moço. P’ra mim, castigo de Deus. Os filhos pagam a ruindade dos paes, e o capitão Aleixo, Deus que me perdoe, foi máo, máo, máo inteirado. Tinha fama! Aqui em dez legoas de roda, quem queria ameaçar um

... era o casarão classico das antigas fazendas negreiras . . .

negro reinador, era só dizer : «Espera, diabo, que te vendo p'r'o capitão Aleixo.» O negro ficava que nem uma seda!... Mas o que elle fez, os filhos pagaram. Eram quatro : Sinhozinho, o mais velho, que morreu no trem, "masgaiado"; Nha Zabelinha...

III

Emquanto o preto falava, insensivelmente fomos caminhando de rumo á casa maldita. Era o casarão classico das antigas fazendas negreiras. Assobradado, erguia-se em alicerces e mureamento de pedra até meia altura, e d'alli per deante de páo a pique. Esteios de cabreúva, entremostrando-se picados a enxó, nos trechos d'onde se esboroára o reboco. Janellas e portas em arco, de bandeiras em pandarecos. Pelos intersticios da pedra amoitavam-se as samambaias e, nas faces de noruega, avenquinhas rachiticas. Num cunhal crescia annosa figueira, enlaçando as pedras na terrivel cordoalha tentacular. A' porta de entrada ia ter uma escadaria dupla, com alpendre em cima e parapeito esborcinado.

Puz-me a olhar para aquillo invadido da saudade que sempre me causam ruinas, e parece que em Jonas a sensação era a mesma, pois que o vi tornar-se sério, de olhar pregado na casa, como quem recorda. Perdeu o bom humor, o espirito brincalhão de inda ha pouco. Emmudeceu.

— Está vista, disse eu depois d'alguns minutos. Vamos agora á boia que não é sem tempo.

Voltamos. O negro, que não parára de falar, dizia agora de sua vida allí :

— Morreu tudo, meu branco, e fiquei eu só. Tenho umas plantas á beira do rio ; palmito no mato e uma paquinha lá de vez em quando na ponta do chuço. Como sou só...

— Só, só, só ?

— “Suzinho, suzinho !” A Merencia morreu, faz tres annos. Os filhos, não sei delles. Criança é como ave : cria penna, avôa. O mundo é grande — andam pelo mundo, avoando...

— Pois, amigo Bento, saiba você que você é um heroe e um grande philosopho por cima, digno de ser memorado em prosa ou em verso pelos homens que escrevem nos jornaes. Mas philosopho, e de peor especie, está-me parecendo tambem aquelle sujeito... conclui referindo-me ao Jonas que se atrazara e parara de novo em contemplação da casa.

Gritei-lhe :

— Mexe-te, poeta, que ladras ás lagartixas ! Olha que sacco vazio não se põe de pé, e temos dez legoas a engulir amanhã.

Respondeu-me com um gesto vago e ficou-se no logar, immovel.

Larguei mão do scismabundo e entrei na casinhola do preto, que, accendendo luz — um candieiro de azeite — foi ao borrarho buscar umas raizes de mandioca assada. Pol-as sobre um mocho, quentinhas, dizendo :

— E' o que ha. Isto, e um restico de paca moqueada.

— E achas pouco, Bento? disse eu, metendo os dentes na raiz deliciosa. Não sabes que si não fosse a tua providencial presença tínhamos que manducar viradinho de brisas com torresmos de zephiros até alcançar a venda do Alonso, amanhã? Deus que te abençõe e te dê no céu um mandiocal plantado pelos anjos.

IV

Caira de todo a noite. Que céu! Alternava estrellas vivissimas com rebojos negros de nuvens acastelladas. Na terra, escuridão de breu, rasgada de piques de luz pelas estrelinhas avoantes. Uma coruja berrava longe num esgalho morto de perobeira.

Que solidão, que espessura de trevas é a de uma noite assim, no ermo! Nesses momentos é que bem se comprehende a origem tenebrosa do Medo...

V

Acabada a magra refeição, disse ao preto:

— Agora, amigo, é agarrarmos estas mantas e pellegos, mais a luz, e irmo-nos á casa grande. Dormes lá comnosco, á guisa de para-raios de almas. Topas?

Elle, contente de ser-nos util, sobraçou a quitanda e deu-me a levar o candieiro. E lá fomos pelo escuro da noite a chapinhar nas poças d'agua e nas gramas empapadas. Encontrei Jonas no mesmo lugar, em frente á casa, immovel e absorto.

— Estás louco, rapaz? disse-lhe. Não comes, tu que estalavas de fome, e ficas assim como pere-réca em face da cascavel?

Jonas olhou-me d'um modo estranho e por toda a resposta esganiçou um "deixa-me". Fiquei apalermado, a encaral-o por uns instantes, de-veras desnortea-do por tão inexplicavel attitude. E foi assim, de rugas na testa, que galguei a escadaria musgosa do casarão.

Estava perra, de facto, a porta, como dissera o negro, mas com valentes hombradas abria o necessario para dar passagem a um homem. Mal entramos, morcegos ás dezenas, assustados com a luz, debandaram ás tontas, em voejos surdos.

— Macacos me lambam si isto aqui não é o quartel general de todos os ratos de asas deste e dos mundos vizinhos!

— E das suindaras, patrãozinho. Mora aqui um bandão dellas que mette medo, accrescentou o preto ao ouvir-lhes pios no fôrro.



Jonas, a creatura mais gabola deste mundo...

A sala de espera toava com o resto da fazenda. Paredes lagarteadas de rachas, escorridas de goteiras, com vestígios vagos de papel de fôr-rar. Moveis, alguns, desapparelhados — duas cadeiras Luiz XV, de palhinha rota, e mesa de centro do mesmo estylo com o marmore enegrecido pelo guano dos morcegos. No tecto, taboas despregadas, entremostrando rombos escuros.

Lugubre, lugubre...

— Tio Bento, disse eu procurando illudir com palavras a tristeza do coração, isto aqui ha de ser a sala nobre do sabbá das bruxas. Que não venham hoje atropelar-nos nem appareça a alma do capitão-mór a nos enfernizar o somno. Não é verdade que a alma do capitão-mór vagueia por ahi a deshoras?

— Dizem, respondeu o preto. Dizem que apparece alli na casa do tronco, não ás dez mas á meia noite e sangra as unhas a arranhar as paredes...

— E depois vem cá arrastar correntes pelos corredores, hein? Como é pobre a imaginativa popular! Sempre e em toda a parte a mesma aria das correntes arrastadas! Mas vamos ao que serve. Não haverá um quarto melhor que isto nesta hospedaria de mestre Tinhoso?

— Haver, ha — trocadilhou o preto, mas é o quarto do capitão-mór... Tem coragem?

— Inda não estás convencido, Bento, de que sou um poço de coragem?

— Poço tem fundo... retrucou elle, sorrindo philosophicamente. O quarto é aqui á direita.

Dirigi-me para lá. Entrei. Quarto amplo e em melhor estado que a sala de espera. Guarneciam-no duas velhas marquezas de palhinha bolorenta alem de varias cadeiras rotas. Na parede, um retrato na moldura classica da epoca, dourada, de cantos redondos com florões. Limpei com o lenço a poeira accumulada no vidro e vi que era um daguerreotypo esmaiado representando uma imagem de mulher.

Bento percebeu a minha curiosidade e explicou :

— E' o retrato da filha mais velha do capitão Aleixo, nha Zabel, uma moça tão desgraçada...

Contemplei longamente aquella antigualha veneravel, vestida á moda da epoca.

— Tempo das anquinhas, hein Bento? Lembra-te das anquinhas?

— Si me lembro! A sinhá velha quando vinha da cidade era assim que ella andava, que nem uma perúa chóca...

Recolloquei na parede o daguerreotypo e puz-me a arranjar as marquezas, arrumando n'uma e n'outra os pellegos á guiza de travesseiros. Em seguida fui ao alpendre, de luz na mão, a ver si amadrinhava o meu relapso companheiro. Era demais aquella maluquice! Não jantar e agora ficar-se alli ao relento...

VI

Perdi meu requebrado. Nem com o "deixa-me" respondeu-me desta vez.

— Si lhe desarranja a cabeça, aqui nestas alturas...

Torturado por esta idéa não pude sossegar. Confabulei com o Bento e resolvemos sair em procura do transviado. Fomos felizes. Encontramol-o sem demora, no terreiro, em face da antiga casa do tronco. Estava immovel e mudo. Erguilhe a luz á altura do rosto. Que estranha expressão a sua! Não parecia o mesmo, não “era” o mesmo. Deu-me a impressão de retezado de musculos, no ultimo arranco duma lucta suprema, com todas as energias crispadas numa resistencia feroz. Sacudi-o com violencia.

— Jonas! Jonas!

Inutil. Era um corpo largado da alma. Era um homem “vazio de si proprio”!... Assombrado com o phenomeno, concentrei todas as minhas energias e ajudado pelo Bento trouxe-o para casa. Ao penetrar na sala de espera estremeceu, parou, e arregalou os olhos para a porta do quarto. Seus labios tremeram. Percebi que articulavam palavras incomprehensíveis.

Precipitou-se depois para o quarto e dando com o daguerreotypo de Izabel agarrou-o com frenesi, beijou-o e rompeu em choro convulso. Em seguida, como exausto duma grande lucta, cahiu sobre a marquezia, prostrado, sem articular uma palavra mais. Inutilmente interpellei-o, procurando a chave do enigma. Jonas permanecia esvaziado... Tomei-lhe o pulso: normal. A temperatura: bôa. Mas largado, como um corpo morto. Fiquei ao pé delle uma boa hora, com mil idéas

a azoinar-me a cabeça. Por fim, vendo-o calmo, fui ter com o preto.

— Conta-me o que sabes desta fazenda. Talvez que...

VII

Meu pensamento era deduzir das palavras do negro algo explicativo da mysteriosa crise.

Nesse entremeio zangara de novo o tempo. As nuvens recobriram inteiramente o céu transformando o espaço num sacco de carvão. Os relâmpagos voltaram a fulgurar, longinquos, acompanhados de rebôos surdos. E para que tom nenhum faltasse ao horror do quadro a ventania, em rajadas, cresceu, uivando lamentosa nas casuarinas. Fechei a janella. Mesmo assim, pelas frinchas, o assobio lugubre entrava a me ferir os ouvidos...

Bento falou em voz baixa, receioso de despertar o doente. Contou como viera ter alli, comprado pelo proprio capitão Aleixo, no Vallongo, molecote ainda. Disse da formação da fazenda e do character cruel do senhor.

— Era máu, meu branco, como deve ser máu o canhoto. Judiava da gente atôa, pelo gosto de judiar. No começo não era assim, mas foi peiorando com o tempo. Parece que perdeu o coração e a alma lhe avoou do corpo. No caso da Liduina... A Liduina era uma bonita mulatinha crioula aqui da fazenda. Muito viva, desde bem criança passou da senzala á casa grande para servir de mucama a sinházinha Izabel...

— Isto foi, — fez elle recordando-se — deve fazer sessenta annos, muito antes da guerra do Paraguay. Eu era um moleque novo e trabalhava aqui dentro, no terreiro. Via tudo o que se passava. A mucama, uma vez que sinházinha Izabel veio da côrte passar as ferias na roça, protegeu o namoro della com o portuguezinho, e foi então...

A marquezia onde dormia Jonas estremeceu. Olhei. Estava elle sentado, presa de convulsões. Os olhos, exorbitantes, fixavam-se nalguma coisa invisivel para mim. Suas mãos crispadas unham a palhinha rota. Agarrei-o, sacudi-o.

— Jonas, Jonas, que é isso ?

Olhou-me sem ver, com a retina morta, n'um ar de desvario.

— Jonas, fala !

Tentou murmurar uma palavra. Seus labios tremeram, na tentativa de articular um nome. Por fim, enunciou-o, arquejante :

— Izabel...

Mas aquella voz não era mais a voz do Jonas. Era uma voz desconhecida. Tive a confirmação plena de que um "eu" alheio lhe tomara de assalto o corpo vazio. E falava por sua bocca e pensava com o seu cerebro. Não era Jonas, positivamente, quem estava alli. Era um "outro"!...

Tio Bento, ao pé de mim, olhava assombrado para aquillo sem comprehender cousa nenhuma e eu num estado de superexcitação horrorosa senti-me á beira do medo panico. Não fossem os trovões echoantes e o ululo da ventania nas casua-

rinas denunciarem-me lá fóra um horror talvez maior e é possível que não resistisse ao lance e fugisse da casa maldita como um criminoso. Mas allí ao menos havia luz, aquelle humilde candieiro de azeite mais precioso no momento que todos os bens da terra.

Estava escripto, entretanto, que ao horror dessa noite de trovoada e mysterio não faltaria uma nota siquer. Assim foi que, altas horas, a luz principiou a esmorecer. Estremeci, e fiquei de cabellos em pé quando a voz do negro murmurou a unica phrase que eu dava tudo para não ouvir:

— O azeite está no fim...

— E não ha mais, lá em tua casa?

— Era o restinho.

Estarreci...

Os trovões echoavam longe, e o uivar do vento nas casuarinas era o mesmo de sempre. Parecia empenhada a natureza em pôr a prova a resistencia dos meus nervos.

Subito, um estalido no candieiro. A luz bruxoleou um clarão final e extinguiu-se.

Trevas. Trevas absolutas...

Corri á janella. Abri-a.

As mesmas trevas lá fóra...

Senti-me cego...

Procurei a cama ás apalpadelas, e cahi de bruços na palhinha bolorenta.

.

VIII

Pela madrugada começou Jonas a falar sozinho, como quem se recorda. Mas não era o meu Jonas quem falava — era o “outro”.

Que scena...

Tenho até agora gravadas a buril no cerebro todas as palavras dessa mysteriosa confidencia proferida pelo incubo no silencio das trevas profundas. Mil annos que viva nunca se me apagará dos ouvidos o resoar macabro daquella voz de mysterio. Não reproduzo suas palavras da maneira por que as enunciou. Seria impossivel sobre nocivo á comprehensão de quem lê. O “outro” falava ao geito de quem pensa em voz alta, como a recordar. Linguagem tachygraphica, ponho-a aqui traduzida em lingua corrente.

IX

«Meu nome era Fernão. Filho de paes incognitos, quando me conheci por gente rolava no mar da vida como rolha á tona das vagas. Ao léo, solto nos vaes-vens da miseria, sem carinhos de familia, sem amigos, sem ponto de apoio no mundo.

Era no Reino, na Póvoa do Varzim; e do Brasil, a boa colonia preluzida em todas as imaginações como o El-dorado, ouvia sempre contar maravilhas aos marinheiros de torna-viagem.

Fascinado, deliberei emigrar.

Parti para Lisboa, um dia, a pé, como vagabundinho de estrada. Caminhada inesquecível, faminta, mas rica dos melhores sonhos de minha vida. Via-me na terra nova feito mascate de bugiarias. Depois, vendeiro; depois, commerciante com casa forte no Rio. Depois, já casado com linda cachopa, via-me de novo na Póvoa, rico, acatado, morando em quinta, senhor de vinhedos e terras de sementeira.

Assim embalado em sonhos de oiro alcancei o porto de Lisboa, onde passei o primeiro dia no caes, namorando os navios surtos no Tejo. Um havia em aprestos para largar de rumo á colonia, a caravella "Santa Thereza". Acamara-dando-me com velhos marujos de gandaia por alli consegui nella por intermedio delles o engajamento necessario.

— Lá, fojes, aconselhou-me um, e afundas para o sertão. E mercadejas, e enriqueces, e voltas cá excellentissimo. E' o que faria eu si tivesse os verdes annos que tens.

Assim fiz; e grumete da "Santa Thereza" boiei no oceano de rumo ao paiz das maravilhas.

Em Africa aportamos para recolher pretos d'Angola, mettidos nos porões como fardos de couro fresco com carne viva por dentro. Pobres pretos! Desembarcado no Rio tive occasião de vel-os ainda no Vallongo, semi-nús, expostos á venda como rezes. Os pretendentes chegavam, examinavam-nos, fechavam negocio.

Foi assim, nessa tarefa, que conheci o capitão Aleixo. Era um homem alentado, de feições

duras e olhar frio. Trazia botas, chapéu largo e rebenque na mão. Atrás delle, como sombra, um capataz mal encarado.

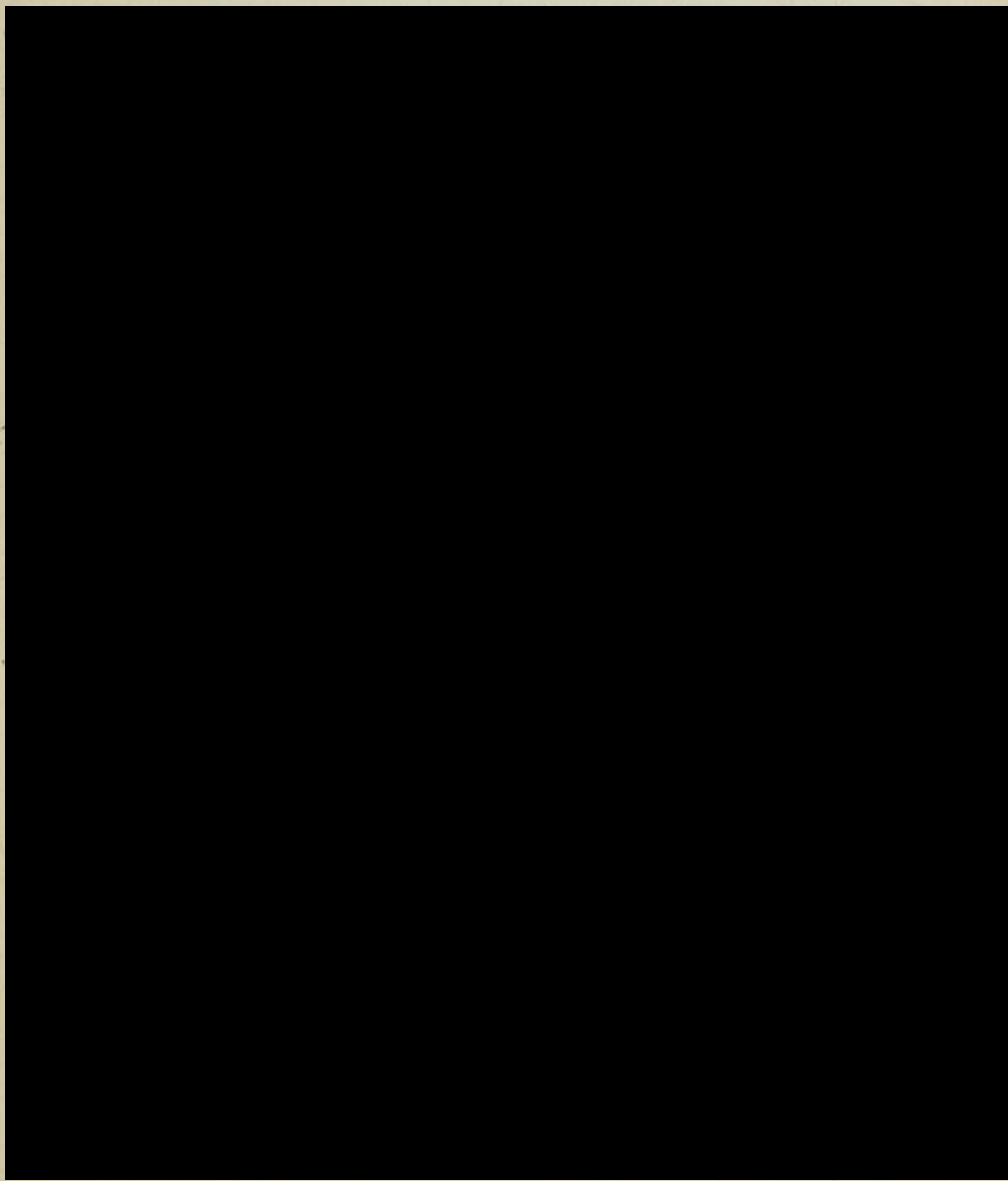
O capitão notou minha presença, fez-me perguntas e ao cabo me propoz serviço em sua fazenda.

Acceitei e fiz a pé, em companhia do lote de negros adquiridos, essa viagem pelo interior do paiz novo onde tudo me era novidade.

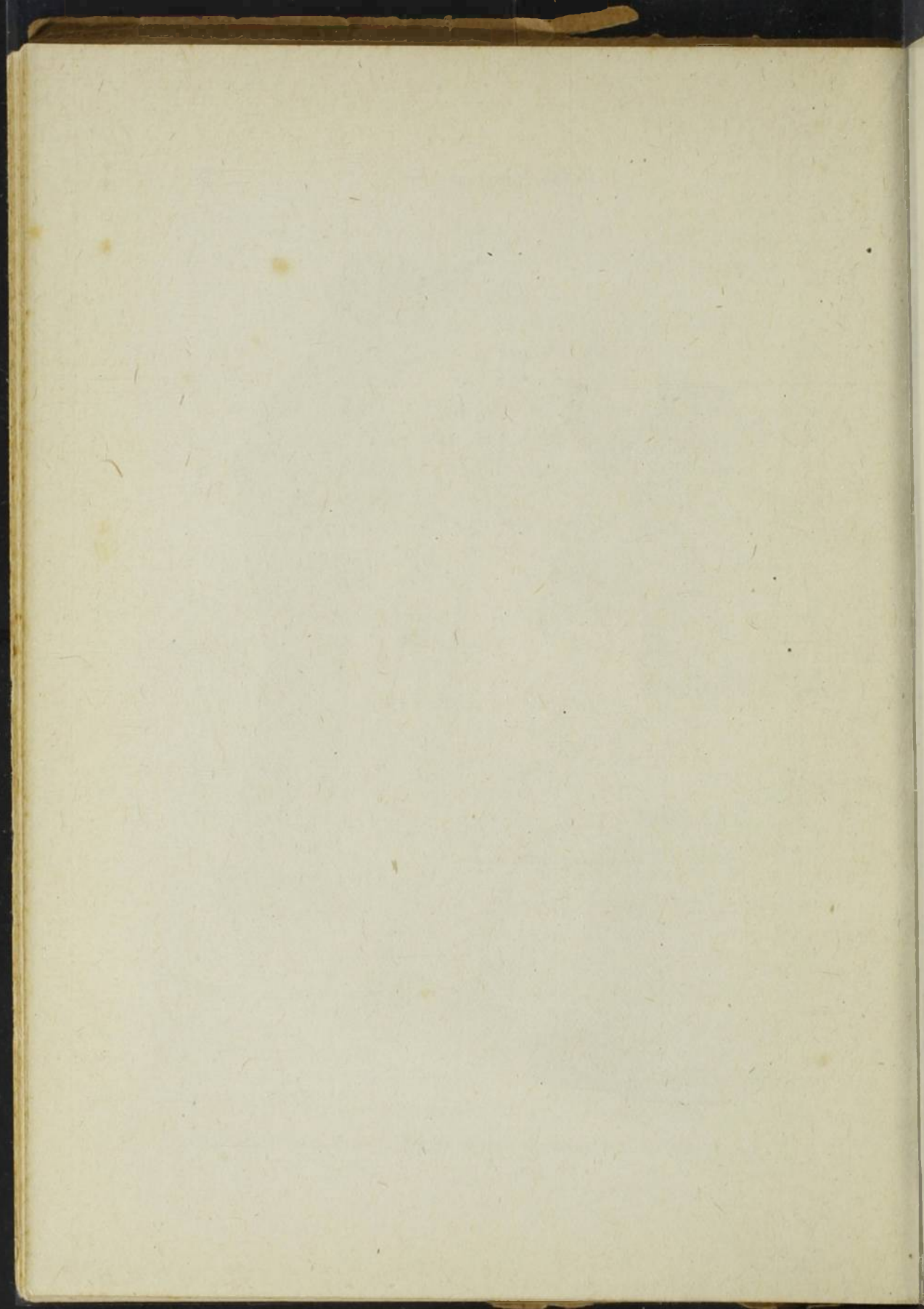
Chegamos. A fazenda do Fundão, formada de pouco, ia no apogêo, riquissima de cannaviaes, gado e café em inícios. Deram-me servicinhos leves, compatíveis com a idade e a minha nenhuma experiencia da terra. E sempre subindo de posto continuei alli até alcançar a idade dos ^{nt} e annos.

A familia do capitão morava na Côrte. Os filhos homens vinham todos os annos passar temporadas na roça, enchendo a fazenda de travessuras loucas. Já as meninas, então no collegio, lá se deixavam ficar, mesmo nas ferias. Só vieram uma vez, com a mãe, Dona Theodora. E foi isso a nossa desgraça...

Eram duas, Ignez, a caçula, e Izabel, a mais velha, lindas meninas de luxo, irradiantes de mocidade. Eu as via de longe, como figuras nobres de romance, inacessíveis; e lembro-me do effeito que naquelle sertão bruto, asselvajado pela escravaria retinta, fazia a imagem das meninas ricas, sempre vestidas á moda da côrte. Eram princezinhas de contos de fadas que provocavam um sentimento só: adoração.



— Lá, foges, aconselhou-me um, e afundas para o sertão . . .



Um dia...

X

Aquella cachoeira — lá lhe ouço o remoto rumorejo! — era o banheiro natural da fazenda.

Escondida numa grota como joia de crystal vivo a defluir em escachão permanente num engaste rustico de taquarys, cahetês e ingazeiros, formava um recesso grato ao pudor dos banhistas.

Um dia...

Lembro-me bem — era domingo e eu, de vagagem, saíra cedo a passarinhar. Segui pela margem ribeirão acima tocaiando passaros ribeirinhos.

Um pica-pau de cabeça vermelha zombou de mim. Errei a bodocada e mettido em brios afreimeime em perseguil-o. E salta d'aqui, salta d'alli, quando dei accordo estava embrenhado na grota da cachoeira, onde, num galho de ingá, pude visar melhor a minha presa e espeloteal-a.

Caiu a avezinha longe do meu alcance e eu barafustei pela trama dos taquarys para colhel-a. Nisto, por uma aberta na verdura, avistei em baixo a bacia de pedra onde a agua chofrava.

Mas estarreci. Duas nymphas nías brincavam na espuma.

Reconheci-as Eram Izabel e sua mucama dialecta, da mesma idade, a Liduina.

O improviso da visão offuscou-me os olhos. Quem ha insensível á belleza da mulher em

flor, e a mais vista assim, em nudez, num quadro agreste daquelles?

Izabel deslumbrou-me.

Corpo esculptural, nesse periodo entontecedor em que florescem todas as promessas da puberdade, deante d'elle senti a explosão subitanea dos instinctos...

Ferveu-me nas veias o sangue.

Fiz-me cachoeira de appetites.

Vinte annos!

O momento das erupções incoerciveis... Im-movel como estatua, alli me quedei em extase o tempo que durou o banho. E estou ainda com o quadro na imaginação. A graça com que ella, de cabeça erguida, bocca entre-aberta, apresentava os pequeninos seios ao jacto das aguas... Os sustos, e gritinhos nervosos, quando gravetos derivantes lhe esfrolavam a epiderme... Os mergulhos de sereia na bacia de lage e o emergir do corpo aljofrado de espuma...

Durou uns minutos o banho fatal. Depois vestiram-se numa pedra a secco e lá se foram, contentes, como borboletinhas azues em manhãs de sol.

Eu fiquei-me no lugar, extatico, rememorando o quadro — o mais lindo quadro que meus olhos viram.

Impressão de sonho...

Aguas de crystal rumorejante; frondes orvalhadas pendidas para a lympha como a lhes escutar o murmurio; um raio de sol matutino, coa-

do pelas franças, a pintalgar de ouro tremeluzente a nudez menineira das naiades...

Quem poderá nunca esquecer um quadro assim ?

.....

XI

Essa impressão matou-me. Matou-nos...

.....

XII

Sahi dalli transformado.

Não era mais o humilde serviçal da fazenda, contente da sua sorte. Era um homem branco e livre que desejava uma mulher formosa. Dalli por deante minha vida ia gyrar em torno dessa aspiração.

Nascera em mim o amor, vigoroso e forte— como as hervas loucas da tiguéra.

Dia e noite um só pensamento me occuparia o cerebro: Izabel.

Um desejo só: vel-a.

Um só objectivo á minha frente: possuil-a.

Mas apesar de branco e livre, que abysmo me separava da filha do fazendeiro! Era pobre. Era um subalterno. Era nada.

Mas o coração não raciocina e o amor não olha para conveniencias sociaes. E assim, desprezando obstaculos, cresceu elle no meu peito como cresce um rio em tempo de cheia.

Approximei-me de Liduina.

O instincto disse-me que o caminho era por alli.

Approximei-me da mucama, e depois de lhe cair em graça, captando-lhe a confiança, disse-lhe um dia a minha tortura :

— Liduina, tenho um segredo n'alma que me mata, mas tu poderás salvar me. Só tu. Preciso do teu soccorro... Juras auxiliar-me ?

Ella espantou-se da confidencia, mas, insistida, rogada, implorada, prometeu quanto pedi.

Pobre coitadinha! Tinha uma alma irmã da minha e foi ao comprehender su'alma que pela primeira vez alcancei todo o horror da escravidão...

Abri-lhe o meu peito e revelei-lhe em phrases candentes o amor que me consumia.

Liduina, a principio, assustou-se. Era grave o caso. Mas quem resiste á dialectica dos apaixonados? E vencida afinal, prometeu auxiliar-me.

XIII

Liduina agiu por partes fazendo desabrochar o amor no coração da senhora sem que ella o percebesse.

A principio, uma vaga e discreta referencia á minha pessoa :

— Sinhazinha conhece o Fernão ?

— Fernão ?!... Quem é ?

— Um moço lindo, lindo, que veiu do reino e toma conta do engenho...

— Si já o vi, não me lembra.

— Pois repare nelle. Tem uns olhos...

— E' teu namorado?

— Quem me dera!...

Foi essa a abertura do jogo. E assim, aos poucos, em dosagem habil, hoje uma palavra, amanhã outra, no espirito de Izabel nasceu a curiosidade — passo numero um do amor.

Um dia Izabel quiz ver-me:

— Falas tanto nesse Fernão — nos olhos desse Fernão, que estou curiosa de vel-os.

E viu-me.

Eu estava no engenho, dirigindo a moagem da canna, quando ambas entraram, de copo na mão. Vinham com o pretexto da garapa.

Liduina achegou-se a mim e:

— Seu Fernão, uma garapinha de espuma para sinhá Izabel.

A menina olhou-me de frente mas eu não lhe pude sustentar o olhar. Baixei os meus olhos, conturbado. Eu tremia, balbuciava apenas, nessa ebriez do primeiro encontro.

Dei ordens aos pretos e logo escorreu da bica um jacto fofo de garapa espumejante. Tomei o copo da mão da mucama, enchi-o e offereci-o á naiade. Ella o recebeu com sympathia, bebeu aos golinhos, e pagou-me o serviço com um "obrigada" gentil, olhando-me de novo nos olhos.

Pela segunda vez baixei os meus, perturbado.

Sahiram.

Mais tarde Liduina contou-me o resto—um pequenino dialogo.

— Tinhas razão, dissera-lhe Izabel, é um bonito rapaz. Mas não lhe vi bem os olhos. Que acanhamento! Parece que tem medo de mim... Duas vezes que o olhei de frente, duas vezes os baixou.

— Vergonha, disse Liduina. Vergonha ou...

— ... ou quê?

— Não digo...

A mucama, com o seu fino instinto de mulher, compreendeu que não era tempo ainda de pronunciar a palavra amor.

Pronunciou-a dias depois, quando percebeu a menina sufficientemente madura para ouvi-la sem escandalo.

Passeavam pelo pomar da fazenda, então no auge da florescencia.

As laranjeiras nevadas de flores estendiam pelo chão uma alcatifa de petalas mortas.

O ar embriagava, tanto perfume ia nelle solto.

Abelhas aos milhares, e colibris, zumbiam e esfusiavam n'um delirio orgiaco.

Era a festa annual do mel.

Liduina, percebendo em Izabel o trabalho dos amavios ambientes, aproveitou o ensejo para um passo mais:

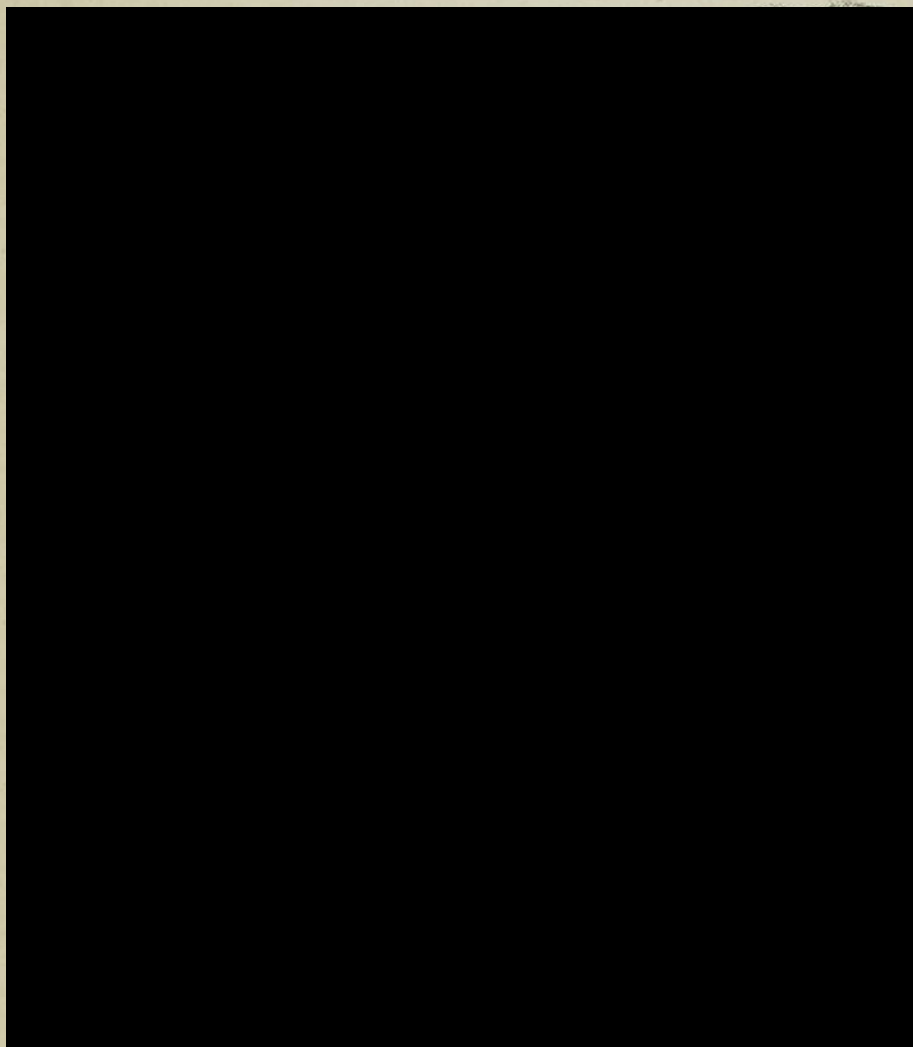
— Quando eu vinha vindo vi o seu Fernão sentado na pedra do muro. Uma tristeza...

— Que será que elle tem?! Saudades da terra?

— Quem sabe? Saudades ou...

— ... ou quê?

— ... ou amor.



Passeavam pelo pomar da fazenda . . .

— Amor ! amor ! disse Izabel sorvendo o ar embalsamado. Que linda palavra, Liduina ! Eu quando vejo um laranja assim florido a palavra

que me vem á idéa é essa : amor ! Mas amaré elle a alguem ?

— Pois de certo. Quem não ama neste mundo ? Os passarinhos, as borboletas, as vespas...

— Mas a quem amaré elle ? A alguma preta do eito, com certeza... — e riu-se desabaladamente.

— Aquelle ? fez Liduina n'um muxoxo. Não é desses, não, sinházinha. Moço pobre mas de condição. Para mim eu acho até que elle é filho d'alguem fidalgo do reino que anda por aqui escondido...

Izabel quedou-se pensativa.

— Mas a quem amaré elle, então, aqui neste deserto de brancas ?

— Pois ás brancas...

— Quaes ?

— D. Ignezinha... D. Izabelinha...

A mulher desapareceu por um momento para ceder o lugar á filha do fazendeiro.

— Eu ? Engraçadinha ! Era só o que faltava...

Liduina calou-se. Deixou que a semente lançada corresse o prazo da germinação. E vendo um casal de borboletas a perseguirem-se com estalidos de azas mudou o rumo á conversa.

— Sinházinha já viu destas borboletas de perto ? Teem dois numeros debaixo das asas — oito, oito. Quer ver ?

Correu atrás dellas.

— Não pégas ! gritou Izabel, divertida.

— Mas pégo esta aqui, retrucou Liduina apa-

nhando uma outra, lerdóta, e trazendo-a a esprenejar entre os dedos.

— E' ver uma casca de arvore com musgo. Espertalhona! Assim se disfarça que ninguem a percebe quando está sentadinha. E' como o periquito, que está gritando numa arvore em cima da cabeça da gente e a gente não o vê.

Por falar em periquito: porque Sinházinha não arranja um casal?

Izabel tinha o pensamento longe d'alli. A mucama bem o sentia, mas muito de industria continuava na tagarelice:

— Dizem que se querem tanto, os periquitos, que quando um morre o companheiro suicida-se. Tio Adão teve um assim, que se afogou numa pccinha d'agua no dia em que a periquita morreu. Só entre os passaros ha coisas dessas...

Izabel continuava absorta. Mas em dado momento quebrou o mutismo:

— Porque te lembraste de mim, nesse negocio do Fernão?

— Porque? repetiu Liduina cayorteiramente. Porque ó tão natural isso...

— Alguem te disse alguma cousa?

— Ninguem. Mas si elle ama de amor, aqui neste sertão, e está assim agora, depois que Sinházinha chegou, a quem ha de amar?... Ponha o caso em si. Si Sinházinha fosse elle, e elle fosse Sinházinha...

Calaram-se ambas e o passeio terminou no silencio dos que dialogam comsigo proprio.

XIV

Izabel dormiu tarde essa noite. A idéa de que sua imagem enchia o coração de um homem esvoaçava-lhe na imaginação como as abelhas do laranjal.

— Mas é um subalterno! allegava o orgulho.

— Que importa, si é um moço rico de bons sentimentos? retorquia a natureza.

— E bem pode ser que fidalgo!... accrescentava, insinuante, a phantasia.

A imaginação veio tambem á tribuna:

— E inda pode vir a ser um poderoso fazendeiro. Que era o capitão Aleixo na idade delle? Um simples arreador...

Já era o Amor que assoprava taes argumentos...

Izabel ergueu-se da cama e foi á janella.

A lua em mingoante quebrava de cinerio o escuro da noite.

Os sapos no brejal latiam melancholicos. Vagalumes tontos riscavam phosphoros no ar.

Era aqui... Era aqui neste quarto, era aqui nesta janella!...

Eu a espiava de longe, nesse estado de extase que o amor provoca deante do objecto amado.

Longo tempo a vi assim, immersa em scismas. Depois, fechou a persiana e... o mundo para mim encheu-se de trevas.

XV

No outro dia, antes que Liduina abordasse o thema dilecto, disse-lhe Izabel :

— Mas Liduina, que é amor ?

— Amor ? respondeu a arguta mucama em quem o instincto substituiu a cultura. Amor é uma coisa...

— ...que...

— ...que vem vindo, vem vindo...

— ...e chega !

— ...e chega e toma conta da gente. Tio Adão diz que o amor é doença. Que a gente tem sarampo, catapora, tosse comprida, cachumba e amor — cada doença no tempo proprio.

— Pois eu tive tudo isso, replicou Izabel, e não tive amor...

— Sossegue que não escapa. Teve as peiores e não ha de ter a melhor ? Espere que um dia elle vem...

Silenciaram.

Subito, Izabel, agarrando o braço da mucama, encarou-a a fito nos olhos :

— E's minha amiga, do coração, Liduina ?

— Um raio me parta neste momento si...

— E's capaz dum segredo, mas um segredo eterno, eterno, eterno ?

— Um raio me parta...

— Cala a bocca.

Izabel vacillava.

Depois, nessa ansia de confiança que nasce ao primeiro luar do amor, disse, corando :

— Liduina, parece-me que estou ficando doente... da doença que faltava.

— Pois é tempo, exclamou a finoria arregalando os olhos. Dezesete annos...

— Dezeseis.

— Dezeseis e onze mezes. E' tempo!...

E cavillosa :

— Algum fidalguinho da Côrte ?

Izabel vacillou de novo ; por fim disse :

— Eu tenho o meu namorado no Rio — mas é namoro só. Amor, amor, desse que bole cá dentro com o coração, desse que vem vindo, vem vindo e chega, não ! Não, lá...

E em cochicho ao ouvido da mucama, corando como a romã :

— Aqui!...

— Quem ? perguntou Liduina simulando espanto.

Izabel murmurou imperceptivelmente :

— Elle !

Corrigiu-se logo, porém :

— Mas é um comecinho só. Vem vindo...

XVI

Veiu vindo e chegou. Chegou e destruiu todas as barreiras. Destruiu as nossas vidas e acabou destruindo esta fazenda. Estas ruínas, estas corujas, este morcegal, tudo isto é a florescencia de um grande amor...

Porque ha de a vida ser assim? Porque hão de os homens, á força d'orgulho, impedir que o botão da maravilhosa planta passe a flor? E porque hão de transformar o que é céu em inferno, o que é perfume em dôr, o que é luz em negrume, o que é belleza em caveira?

Izabel, mimo de fragilidade feminina avivada de graça brasileira, tinha o "quê" perturbador das orchideas. A belleza sua não era ao molde da belleza rochunchuda e corada, forte e sadia, das cachopas da minha terra. Espiritualizava-a algo de velatura, desse esfuminhado das segundas tiragens em que o retoque evanesce a força em diluculo de graça.

Porisso mesmo mais fortemente me seduzia a pallida princezinha tropical.

Ao inverso, em mim o que a seduzia era a força varonil e transbordante, a nobre rudeza dos meus instinctos que iam até a audacia de pôr os olhos na altura em que ella pairava.

XVII

O primeiro encontro foi... casual. Meu Acaso era Liduina. Seu genio instinctivo de Ariel rustico fazia-a sempre a boa fada dos nossos amores.

Foi assim.

Estavam as duas, no pomar, deante duma pitangueira enrubecida de fructos.

— Lindas pitangas! disse Izabel. Sóbe, Liduina, e apanha-me um punhado.

Approximou-se Liduina da arvore e fez vãs tentativas para marinhar galhos acima.

— Impossivel, Sinházinha, só chamando alguém. Quer ?

— Pois vae chamar alguém.

Liduina partiu correndo e Izabel teve a previsão nitida de “quem” viria. De facto, momentos depois appareci eu.

— Senhor Fernão, desculpe-me, disse a moça. Pedi áquella maluca que chamasse algum preto para colher pitangas e foi ella incommodal-o...

Perturbado pela sua presença e com o coração aos pulos, gaguejei, para dizer algo :

— São pitangas que quer ?

— Sim. Mas falta uma cestinha que Liduina foi buscar.

Pausa.

Izabel, tão senhora de si, percebi-a nesse momento embaraçada como eu. Não tinha o que dizer. Silenciava. Por fim :

— Moe canna hoje ? perguntou-me.

Gaguejei que sim, e novo silencio se fez. Para quebral-o Izabel gritou em direcção da casa :

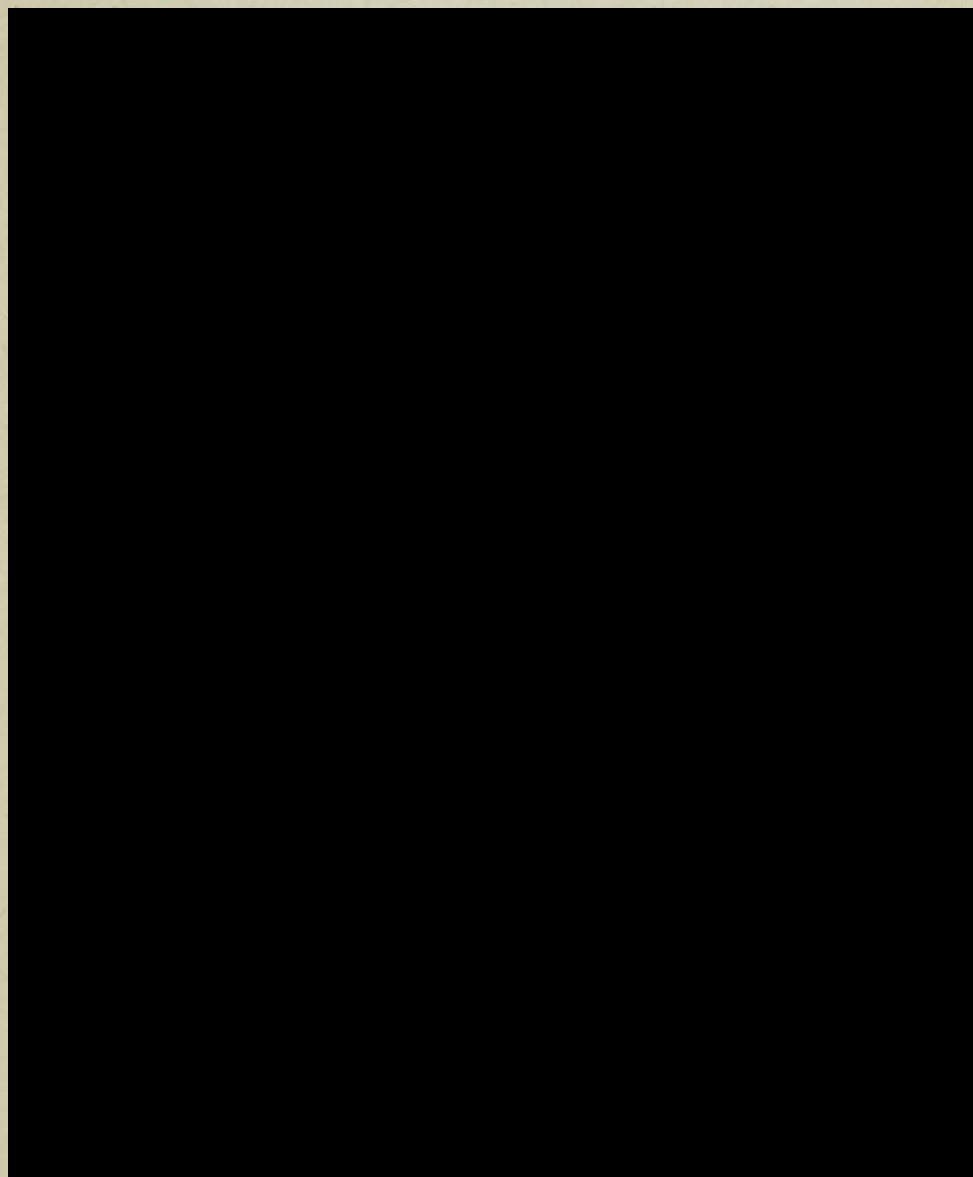
— Anda depressa, rapariga ! Que lesmice...

E depois, para mim :

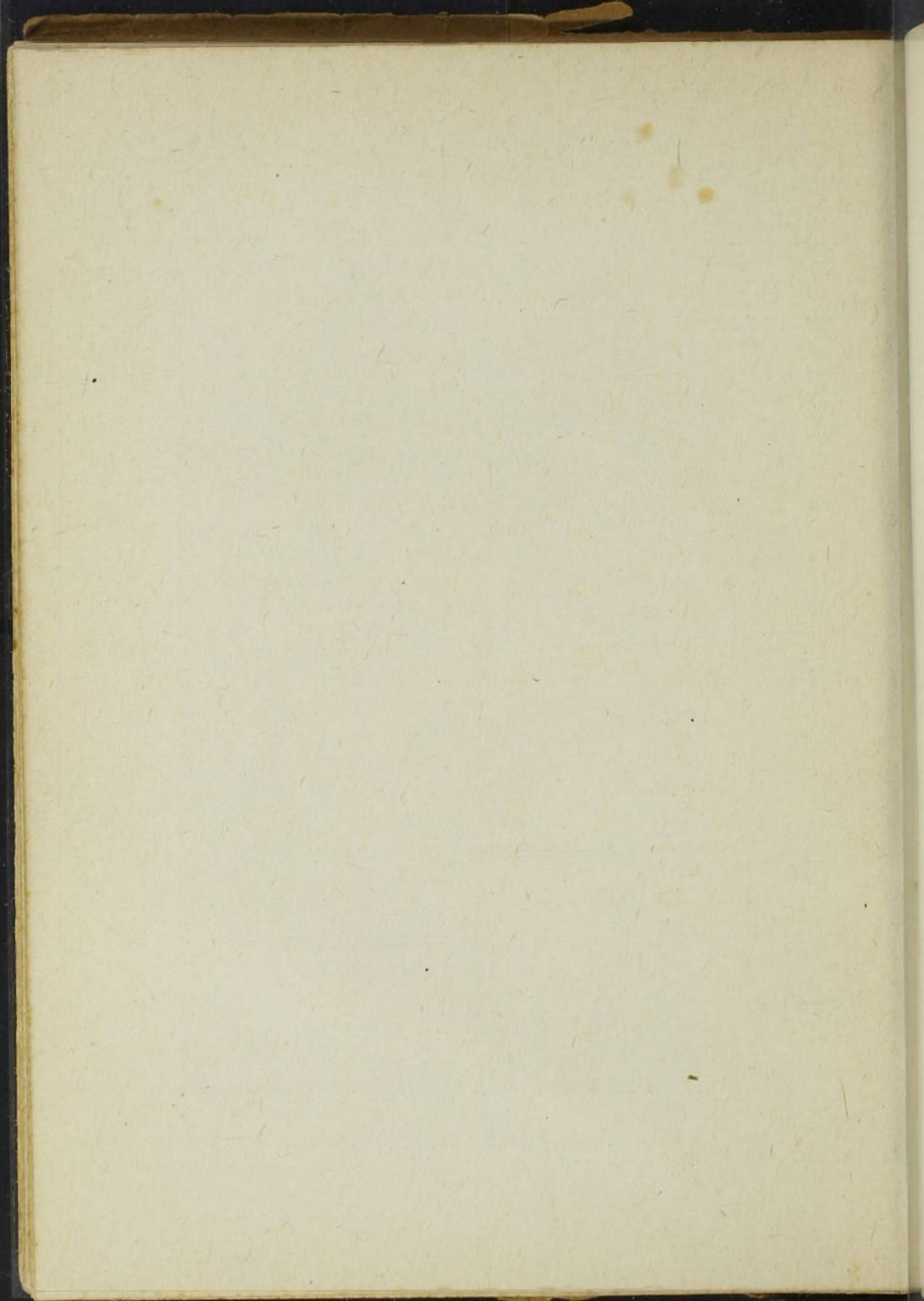
— Não tem saudades da sua terra ?

Despregou-se-me a lingua. Respondi que tive, mas não tinha mais.

— Os primeiros annos passei-os a chorar á noite, saudoso de tudo de lá. Só quem immigrou sabe a dôr do fructo arrancado á arvore.



— O primeiro encontro foi . . . casual !



Conformei-me, por fim. E hoje... o mundo inteiro para mim está aqui, nestas montanhas.

Izabel compreendeu-me a intenção e quiz perguntar porque. Mas não teve animo. Saltou para outro assumpto :

— Porque motivo só as pitangas desta arvore prestam ? As outras são tão azedas...

— Vae ver, disse eu, que esta arvore é feliz e as outras não. O que azeda os homens e as coisas é a desgraça...

— E é azedo, o senhor?

— Fui, como limão, logo que vim para cá. Hoje... sou amargo...

-- Julga-se infeliz?

— Mais do que nunca.

Izabel arriscou-se :

— E porque ?

Respondi intrepidamente :

— Dona Izabel que é menina rica não imagina a posição desgraçada de quem é pobre. O pobre forma neste mundo uma casta maldicta, sem direito a coisa nenhuma. O pobre não pode nada...

— Pode sim, uma coisa...

— ?

— Enriquecer. Imagino que os ricos antes de o serem foram pobres.

— Não falo da riqueza do dinheiro. Essa é facil de alcançar, depende apenas de esforço e habilidade. Falo de coisas mais preciosas que o oiro. Um pobre, tenha o coração que tiver, seja

a mais nobre das almas, não tem o direito de erguer os olhos a certas alturas...

— Mas si a altura quizer e descer até elle? retrucou audaciosa e vivamente a menina.

Vacillei numa tonteira de felicidade, mas retorqui simulando descrença:

— Esse caso acontece ás vezes — nos romances... Na vida, nunca!

Calamo-nos de novo e nesse entremeio Liduina reapareceu, esbaforida, com a cestinha na mão.

— Custei a achar, disse a velhaca justificando a demora, estava cahida atrás do toucador.

O olhar que lhe lançou Izabel dizia: «mentirozinha!»

Tomei a cesta e preparei-me para trepar á arvore.

Izabel, porém, interveiu:

— Não! não quero mais pitangas. Lembrome agora que si as como perco a vontade para a garapa do meio dia. Fica para outra vez.

E para mim, amavel:

— Queira desculpar-me...

Saudei-a, ebrio de felicidade e lá me fui de alleluias n'alma, com o mundo a dançar em torno de mim.

Izabel seguiu-me com o olhar, pensativamente.

— Tinhas razão, Liduina, é um rapagão que vale todos os pelintras da Côrte. Mas, coitado!... Queixa-se tanto da sua condição...

— Bobagens, muxoxou a mucama trepando á pitangueira com agilidade de macaco.

Izabel, vendo aquillo, sorriu e murmurou entre reprehensiva e maliciosa :

— Você, Liduina, você...

A rapariga, que tinha entre os dentes alvissimos o vermelho duma pitanga, esganiçou uma risadinha velhaca :

— Pois Sinházinha não sabe que sou mais sua amiga que sua escrava ?

XVIII

O amor é o mesmo em toda a parte e em todos os tempos. Aquelle enleio do primeiro encontro é o eterno enleio dos primeiros encontros. Aquelle dialogo á sombra da pitangueira é o eterno dialogo da abertura. Assim, nosso amor, tão novo para nós, reproduzia um jogo velho como o mundo.

Nasceu em Izabel e em mim o sexto sentido maravilhoso. Compreendiamos-nos, adivinhavamos-nos e descobriamos meios de inventar os mais imprevisos encontros—encontros deliciosos onde um olhar bastava para a permuta de mundos de confidencias...

Izabel amou-me.

Que periodo de vida, esse !

Eu sentia-me alto como as montanhas, forte como o oceano e todo a coruscar de céu por dentro.

Era rei.

A terra, a natureza, as estrellas, a lua, a luz, a côr, o som, tudo existia para ambiente do meu

amor. Não era mais vida aquelle meu viver, e sim um extase permanente.

Alheiado de tudo, uma só cousa eu via, duma só cousa me alimentava.

Riquezas, poderio, honras — que vale tudo isso ante a sensação divina de amar e ser amado?

Nessa ebriedade vivi — quanto tempo não sei. O tempo não contava para o meu coração. Vivia — tinha a impressão de que só nessa época entrara a viver. Antes a vida não me fôra mais do que simples agitação animal.

Poetas! Como vos comprehendí a voz interior, resoada em rimas, como me irmanei com-vosco no esvoaçar pelos intermundios do sonho...

Liduina comportava-se como a fada bôa dos nossos destinos. Sempre vigilante, a ella deviamos inteirinho o mar de felicidade em que boiavamos. Lepida, mimosa, travessa, a gentil creoula enfeixava em si toda a artimanha da raça perseguida e todo o genio do sexo escravizado á prepotencia do homem.

Ariel! Era bem o espirito de Ariel que se encarnára nella.

Emtanto, o bem que nos fizeste como se avinagrou para ti, Liduina!... Em que fel horroroso se te transfez, afinal...

Eu sabia que o mundo é governado pelo monstro Estupidez. E que S. M. não perdôa o crime de Amor. Mas nunca supuz que esse monstro fosse a féra delirante que é — tão sanguisedenta, tão requintada em ferocia. Nem que houvesse harpia mais bem servida que essa.

Que comitiva numerosa traz!

Que servos diligentes possue!

A sociedade, as leis, os governos, as religiões, os juizes, as moeraes, tudo que é força social organizada, presta mão forte a S. Magestade.

E assanham-se em punir, em torturar o ingenuo que conduzido pela natureza arrosta os mandamentos da megéra.

Ai delle, si commete o crime de lesa-Estupidez! Mãos de ferro constringem-lhe a garganta. Seu corpo rola por terra espezinhado, seu nome perpetua-se com péchas infames.

Nosso crime — que lindo crime: amar! — foi descoberto. E a monstruosa engrenagem de aço triturou-nos, alma e ossos, aos tres...

Lepida, mimosa, travessa, Liduina era a boa fada dos nossos destinos...

XIX

Uma noite... A lua alta empallidecia as estrellas e eu, triste, velava, rememorando o ultimo encontro com Izabel.

Fôra á tardinha, numa volta do ribeirão, á sombra dum tufo de marianeira cacheada de fructos.

Mãos dadas, cabeça contra cabeça, num enlevó de communhão d'alma, assistiamos ao alvo-roto da peixaria assanhada na disputa das fructinhas amarellas que, a espaços, pipocavam na agua remansosa do poço.

Izabel, absorta, olhava aquellas ariscas linguinhas de prata apinhadas em torno do cibo.

— Sinto-me triste, Fernão. Tenho medo da nossa felicidade. Qualquer cousa me diz que isto tem fim — e fim tragico...

Por toda a resposta aconcheguei-a inda mais ao peito.

Um bando de sahiras e sanhaços, de pouso na marianeira, entraram a debicar energicamente os cachos das fructinhas silvestres. E o espelho das aguas piriricou logo ao chuveiro de migalhas cahidas. Coalhou-se o rio de lambarys famintos, engalfinhados, num delirio de regabofe, com saltos de prata faiscentes no ar.

Izabel, sempre absorta, dizia :

— Como são felizes !... E são felizes porque são livres. Nós — pobres de nós !... Nós somos inda mais escravos que os pretos...

Duas viuvinhas pousaram numa haste de pery emersa da margem fronteira. A vara vergou-se lhes ao peso, oscillou uns instantes e estabilizou-se de novo. E o lindo casal permaneceu immovel, juntinho, commentando talvez, como nós, a festa glutona dos peixes.

OS NEGROS

Izabel murmurou, num sorriso de infinita melancolia:

— Que cabecinhas sossegadas elles têm...

Eu rememorava, phrase por phrase, esse ultimo encontro com a minha amada, á sombra da marianeira ribeirinha, quando, dentro da noite, ouvi bulha na porta. Alguem corria o ferrolho e entrava. Sentei-me na cama de sobresalto. Era Liduina. Tinha os olhos esgazeados de pavor e foi em voz arquejada que atropelou as derradeiras palavras que lhe ouvi na vida:

— Fuja! O capitão sabe tudo. Fuja, que estamos perdidos...

Disse, e esgueirou-se para o terreiro como sombra...

XX

O choque foi tamanho que me senti vasio de cerebro. Parei de pensar...

O capitão Aleixo... Lembro-me bem delle. Era o plenipotenciario de S. M. a Estupidez naquellas

Frio e duro, o capitão Aleixo não reconhecia sensibilidade em carne alheia...

redondezas. Frio e duro, não reconhecia sensibilidade em carne alheia. Recommendava sempre aos feitores: angú e relho; angú por dentro e relho por fóra, sem economia e sem dó.

Consoante tal programma a vida da fazenda escoava-se entre trabalhos de oito, comezaina farta e relho.

Com o tempo desenvolveu-se nelle a crueldade inutil. Não se limitava a impor castigos: ia assistil-os. Gosava de ver a carne escrava avergoar-se aos golpes do couro crú.

Ninguém, entretanto, estranhava aquillo. Os pretos soffriam como predestinados á dor. E os brancos tinham como dogma que de outra maneira não se levam pretos. O sentimento de revolta não latejava em ninguem, salvo em Izabel que se fechava no quarto, de dedos fincados nos ouvidos, sempre que na casa do tronco o bacalháo arrancava urros a um pobre desgraçado.

A mim, em começo, tambem me era indifferente a dôr alheia. Ao depois — depois que o amor me floriu a alma de todas as flôres do sentimento — aquellas barbaridades diarias punham-me fremente de colera.

Uma vez tive impetos de estrangular o despota. Foi o caso dum vizinho que lhe trouxera um cão de fila para vender.

XXI

— E' bom? Bem bravo? perguntou o fazendeiro examinando o animal.

— Uma fera! Para apanhar negro fugido, nada melhor.

— Não compro nabos em saccos, disse o capitão. Experimentemol-o primeiro.

Ergueu os olhos para o terreiro que fulgurava ao sol. Deserto. A escravaria inteira na roça. Mas naquelle momento o portão abriu-se e um preto velho entrou, cambaio, de jacá ás costas, rumo ao chiqueiro dos porcos. Era um estropiado do eito que pagava o que comia tratando da criação.

O fazendeiro teve uma idéa. Tirou o cão da corrente e atçou-o no preto.

— Péga, Vinagre!

O animal partiu como bala, e instantes depois ferrava o pobre velho dando com elle em terra. Estraçalhou-o...

O fazendeiro sorria-se com enthusiasmo.

— E' de primeira, disse ao sujeito. Dou-lhe cem mil réis pelo Vinagre.

E como o sujeito, assombrado d'aquelles processos, lamentasse a desgraça do estraçalhado, o capitão fez cara de espanto:

— Ora bolas! Um caco de vida...

XXII

Pois foi esse homem que vi subitamente penetrar no meu quarto, essa noite, logo depois que se sumiu Liduina deixando-me vazio de pensamento.

Acompanhavam-no dois feitores, como sombras.
Entrou e fechou a porta sobre si.
Parou á distancia.

Olhou-me.

Sorriu.

— Vou te dar uma bella noiva, disse.

E num gesto aos megarefes :

— Amarrem-no !

Despertei da vacuidade. O instincto de conservação retezou-me todas as energias, e mal os capangas vieram a mim atirei-me a elles com furor de onça fêmea a quem roubam os cachorrinhos.

Não sei quanto tempo durou a lucta horrrosa ; sei apenas que, a tantas, perdi os sentidos, ás violentas pancadas que me racharam a cabeça.

Quando despertei, pela madrugada, vi-me por terra, com os pés doridos entalados no tronco. Levei a mão aos olhos sujos de pó e sangue e entrevi ao meu lado, no extremo do madeiro hediondo, um corpo desmaiado de mulher.

Era Liduina...

Percebi ainda que havia mais gente por alli.
Olhei.

Dois homens de picareta abriam um largo rombo na espessa parede de taipa.

Outro, um pedreiro, misturava cal e areia, no chão, rente a uma pilha de tijollos.

O fazendeiro tambem estava, de braços cruzados, dirigindo o serviço. Vendo-me desperto, approximou-se do meu ouvido e murmurou com

gelido sarcasmo as ultimas palavras que ouvi sobre a terra :

— Olhe para lá! A tua noivinha é aquella parede...

Compreendi tudo : iam emparelhar-me vivo...

.

XXIII

Aqui se interrompeu a historia do “outro”, como a ouvi naquella horrorosa noite. Repito que a não ouvi assim, nessa ordem litera-

... entrevi, no extremo do madeiro hediondo, um corpo desmaiado de mulher . . .

ria, mas murmurada em soliloquio, aos arrancos, às vezes em soluços, outras em cicio imperceptível. Tão estranha era essa forma de narrar que o velho tio Bento não percebeu coisa nenhuma.

E foi com ella a borbulhar, a queimar-me o cerebro que vi chegar a manhã.

— Bemdita sejas, luz !

Ergui-me alvoroçado.

Abri a janella, a renascer-me dos horrores nocturnos.

O sol lá estava, espiando-me dentre a copa do arvoredo.

Seus raios de ouro invadiram-me a alma. Varreram della os frocos fluctuantes de trevas que inda a escurentavam qual cabellugem de pesadelo.

O ar lavado e fino encheu-me os pulmões da delirante vida matutina.

Respirei-o alegremente, em haustos largos.

E Jonas ? Dormia ainda, repousado de feições.

Era “elle” outra vez.

O “outro” fugira com as trevas da noite.

Tio Bento, tambem desperto, enrolava a esteirinha rota.

— Tio Bento, disse-lhe eu. Conte-me o resto da historia. Que fim teve Liduina ?

O velho preto preparou-se para contal-a, a partir do ponto em que a interrompera.

— Não, intervim, dispenso isso tudo. Quero

só saber que fim teve Liduina depois que o capitão deu sumiço ao moço.

Tio Bento fez cara admirada :

— Como o meu branco sabe disso ?

— Sonhei, tio Bento.

Elle permaneceu uns instantes ainda espantado custando a crer. Depois, narrou :

— Liduina morreu no chicote, a coitadinha — tão na flôr, dezenove annos... O Gabriel e o Estevam, os carrascos, retalharam o seu corpinho de criança com os rabos do bacalhão... A mãe della, que só na hora do castigo soube do acontecido na vespera, correu feito louca para a casa do tronco. No momento em que empurrou a porta e olhou, uma chicotada cortava o seio esquerdo da filha... Antonia deu um grito e cahiu para trás como morta...

Apesar do radioso da manhã meus nervos fremiram ás palavras do preto.

— Basta, basta... De Liduina basta. Só quero agora saber o que succedeu a Izabel.

— Nha Zabel ninguem mais a viu na fazenda. Foi levada para a Côrte e acabou mais tarde no hospicio, dizem.

— E Fernão ?

— Esse, sumiu. Ninguem mais soube delle, nunca, nunca...

XXIV

Jonas acabava de despertar. E, ao ver luz no quarto, sorriu. Queixava-se de peso na cabeça.

Interpellei-o sobre o eclipse nocturno de sua alma, mas Jonas deu a entender que estava alheio a tudo.

Enrugou a testa. Reflectiu.

— Lembro-me apenas que uma “coisa” me invadiu, que fui empolgado, que luctei com desespero ...

— E depois ?

— Depois ?... Depois um vacuo...

Sahimos para fóra.

A casa maldicta, mergulhada na onda de luz matutina, perdera o aspecto tragico.

Disse-lhe adeus — para sempre...

— “Vade retro”...

E fomo-nos á casinhola do preto engulir o café e arreiar os animaes.

De caminho espiei pelas grades da casa do tronco : na taipa grossa da parede havia um trecho murado a tijolo...

Afastei-me, horripilado.

E guardei commigo o segredo da tragedia de Fernão. Só eu no mundo o sabia, contado por elle proprio, oitenta annos após a catastrophe.

Só eu !

Mas como não sei guardar segredo revelei-o, em caminho, ao Jonas.

Elle riu-se á larga e disse estendendo-me o dedo minguinho :

— Morde aqui !... — e desiste, meu caro: tu não dás para romancista...

FIM

OBRAS DE MONTEIRO LOBATO

Urupês (contos)

Os Pharoleiros — O engraçado arrependido — A colcha de retalhos — Chóo . . . Pan . . . — «Meu conto de Maupassant» — Pollice Verso — Bucolica — O Mata-Pau — Boccatorra — O comprador de fazendas — Supplicio moderno — O estigma — Urupês — Velha praga.

Um volume (6.^a edição) encadernado 5\$000, brochado 4\$000

Cidades Mortas (contos)

Cidades mortas — Coisas do meu diario — Cavallinhos — Noite de S. João — Grammatica viva — Pedro Pichorra — As seis decepções — Cabellos compridos — Um avô — «Resto de Onça» — Porque Lopes se casou — O caso do tombo — «Gens ennuyeux» — O figado indiscreto — O imposto unico — O plagio — O romance do chupim — O luzeiro agricola — A «Cruz de Ouro» — De como quebrei a cabeça da mulher do Mello — A poesia e o poeta — O espião allemão.

Um volume, 2.^a edição, encadernado 5\$000; brochado 4\$000

Idéas de Jéca Tatú (critica)

A caricatura no Brasil — A creação do estylo — A questão do estylo — Ainda o estylo — Esthetica official — A paisagem brasileira — Paranoia ou mystificação? — Pedro Americo — Almeida Junior — A poesia de Ricardo Gonçalves — A Hostephagia — Como se formam lendas — A estatua do patriarcha — Sara, a eterna — Curioso caso de materia. lisação — Rondonia — Amor immortal — O Sacy.

Um volume, 2.^a edição, encadernado 5\$000, brochado 4\$000

Problema Vital (artigos publicados no "Estado de S. Paulo., e enfeixados em volume por decisão da Sociedade Eugénica de São Paulo e da Liga pró-Saneamento do Brasil).

A acção de Oswaldo Cruz — Dezesete milhões de opilados — Tres milhões de idiotas e papudos — Dez milhões de impaludados — Diagnostico — Reflexões moraes — Primeiro passo — «Deficit» economico, função do «deficit» da saúde — Um facto — A fraude bromatologica — Inicio da acção — Iguape — A casa rural — As grandes possibilidades das zonas calidas.

Um volume Esgotado

Negrinha (contos)

Negrinha — Fitas da vida — O drama da geada — O bugio moqueado — O jardineiro Timotheo — O collocador de pronomes.

Um volume, encadernado 3\$500; brochado 2\$500

A Menina do Narizinho Arrebitado (historia para creanças)

Um volume com illustrações a côres de Voltolino, cartornado 3\$500

Os Negros (novella)

Um volume com illustrações de Ruy Ferreira, broch. 1\$000

OPINIÕES DA CRITICA

Conheceis, porventura, o Jéca Tatù, dos «Urupês» de Monteiro Lobato, o admiravel escriptor paulista? Tivestes, algum dia, occasião de ver surgir, debaixo d'esse pincel de uma arte rara, na sua rudeza, aquelle typo de uma raça, que «entre os formadores da nossa nacionalidade», se perpetua «a vegetar, de cócoras, incapaz de evolução e impenetravel ao progresso?»

RUY BARBOSA

«Conferencia sobre a «Questão Social».

Ora, se Olavo Bilac, sem prejuizo da sua natural tolerancia, era intransigente com a mediocridade, não havia ninguem mais effusivo no applauso ao merito.

Em meados do anno de 1918, no seu gabinete, o poeta mostrou-me um livro e disse:

— Comecei a ler «Urupês» de Monteiro Lobato. Dar-te-hei em tempo a minha impressão.

Uma semana após Olavo Bilac communicou-me:

— Acabei a leitura dos «Urupês». Vaes ler esse livro.

— Agora é impossivel. Ando occupadissimo, respondi.

— Vaes deixar tudo quanto estás fazendo, insistio, e vaes immediatamente, sem perda de um dia, começar a leitura dos «Urupês».

Olhei o poeta:

— Mas o livro é assim bom?

Bilac intimou:

— Empresto-te o que o autor me enviou, leval-o-has hoje, e has de agradecer-me o te ter eu proporcionado momentos de tão alto enlevo espirital. Recebe nas tuas mãos (e passou-me o volume) um dos melhores livros de nossa literatura. Commental-o-hemos quando o tiveres lido.

O caso era serio. Trouxe «Urupês». Trabalho perfeito, acabado, definitivo, lavrado por um artista consumado! Li-o, reli-o, tornei a lê-lo em voz alta, li-o ainda a amigos.

Encontrei-me com Bilac, fui interpellado:

— Que me dizes de «Urupês»?

Abracei o poeta e pedi:

— Dá-me o endereço de Monteiro Lobato: quero felicital-o pela publicação de um dos melhores livros que ha em prosa portugueza.

Bilac rejubilou, com a physonomia transfigurada pela commoção; e cada qual de nós que citasse os contos, que os commentasse

um a um, que lhes assignalasse as bellezas, q epplauandiss e as qualidades do autor, na posse de todos os recursos da tehcnica e de todos os segredos do estylo.

— «Chóóó! Pan!» Lembras-te? Maupassant puro.

— E «Pollice verso»? Que espirito!! Que satira!

— E «A Colcha de Retalhos»? Que delicadeza, que sentimento, que infinito de dôr! exclamou Bilac.

— E «Boccatorta»? Uma velha historia restaurada, mais horrenda do que todas as historias!

— «O Comprador de Fazendas»!

— «O Engraçado arrependido»!

E desatamos a rir... «O Engraçado arrependido» é dessas paginas litterarias que hão de ter a duração da natureza.

Lembrei-me do conto ao ler o soneto «Ultimo Carnaval», em que Olavo Bilac descreve a trajectoria de um folgazão. E' um dos trabalhos mais originaes, mais realistas e mais trepidantes da «Tarde».

HEITOR LIMA — «Tarde».

Quem o começa a ler desde logo tem a attenção chamada para o estylo original, que não lembra Euclides da Cunha, nem Ruy Barbosa, nem Machado de Assis, nenhum dos mestres mais geralmente imitados pela maioria de escriptores novos. Monteiro Lobato conseguiu o que já é uma façanha, um estylo seu, absolutamente proprio e bello.

MIGUEL MELLO.

Desse escriptor admiravel e inconfundivel, deve-se dizer com todo o entusiasmo que é uma revelação sensacional: corajoso, sem ser desaforado; ironico, sem ser chalatista; hostil e aggressivo, mas impessoal na aggressão. O seu «humour» não é palhaçada. O seu sarcasmo não é molecagem. E' possivel que em uma literatura haja escriptores maiores, melhores, mais perfectos, mais catitas. Não sei, porem, de nenhum tão interessante, nem de outro qualquer mais vibrante: tanto que, com meia duzia de contos, se impoz ao nosso cinema literario — e o que mais é — popularizou-se no melhor sentido.

HERMES FONTES.

Revela-se Monteiro Lobato um dos melhores contistas nossos. Pelo estylo: justo, nervoso, vivaz, personalissimo. Pela fina notaçãõ psicologica: subtil, aguda, fugitiva às vezes, que mostra o seu grande poder de analyse, introspectiva e uma natural penetração dos reholhos da alma humana. Pelo desenho e pelo recorte das figuras e das scenas: umas e outras resaindo das linhas, entrelinhas do texto com o relevo das attitudes vivas. Pela techica invulgar: graduando a marcha da narração com a segurança de um estrategista seguro do seu plano, preparando o espirito do leitor para o desfecho, sempre imprevisto. Pelo chiste, pela graça, pelo sarcasmo, e pelo vivissimo sentimento dos aspetos pungentes do ridiculo humano. Espirito sensivelmente epigrammatico, talvez lhe falte o dom da verdadeira ironia, porque em regra, não sorri nunca com indulgencia diante do ridiculo e das fraquezas alheias: troça, mo-teja, dá piparotes irreverentes.

OLIVEIRA VIANNA.

O AUCTOR DA PROXIMA NOVELLA

Eis como a critica recebeu *O professor Jeremias*, primeiro livro de Léo Vaz, o auctor da novella *Ritinha* a se publicar no proximo volume desta collecção:

O *Professor Jeremias*, creio estar fadado a um successo mais duradouro que o commum dos nossos romancistas nacionaes.

HOMERO PRATES

Não li um só capitulo dessas memorias que não sentisse, a par do immenso gozo que nos proporcionam as obras pensadas e primorosamente realizadas, toda aquella tristeza do bem alheio, aquella inveja sem azedume, aquella vontade, em summa, de ser o autor de tal obra.

GOULART DE ANDRADE

Apreciei muito a sua naturalidade, a candura de sua narração, o meio sorriso com que sublinha certas passagens. A vida da sua Escola Normal é uma delicia.

LIMA BARRETO

Muito e muito obrigado, meu caro confrade sr. Léo Vaz, pelo offerecimento do seu volume *O professor Jeremias*, que li de um trago e de que muito gostei; felicito-o pela sua producção, de um tão bello humour. E porque não dizer portuguezmente — um tão bello humor?

OLIVEIRA LIMA

O estilo é claro, leve, luminoso. E tudo aquilo que escreve tocado de ironia cética, um pouco amarga, mas sempre amavel que é tão peculiar aos autores inglezes. As suas figuras nada têm de afetado: são naturaes, vivem, e retratam exata e bondosamente o meio em que o A. as foi recolher.

S. R. — *d'A Rajada (Rio)*

E' um livro bom, cheio de verdade, cheio de humanidade. E' uma obra de arte segura, cohesa, integral, profundamente sentida e maravilhosamente realizada.

MENOTTI DEL PICCHIA

Um typo curioso, o do Professor Jeremias. O livro impressiona pelas idéias e pela linguagem, e aquellas e esta lembram de certa maneira as de Machado de Assis em «Braz Cubas» e «Quincas Borba».

AGENOR SILVEIRA

B R E V E M E N T E

A NOVELLA SEMANAL

OMAI SARROJADO EMPREHENDIMEN-
TO EDITORIAL DA ACTUALIDADE

Revista de contos e novellas dos melhores escriptores nacionaes, antigos e modernos. Cada numero conterá materia equivalente á quarta parte de um livro de 250 paginas em formato francez, commum, e será acompanhado de um interessante supplemento no qual serão publicadas curiosidades literarias, vida anecdotica e pitoresca dos grandes escriptores e poetas brasileiros, movimento bibliografico, paginas esquecidas dos grandes vultos da literatura nacional, obras primas da poesia brasileira, noticia critica dos livros novos.

A **NOVELLA SEMANAL** se propõe a vulgarizar a melhor literatura, divulgando a obra dos grandes escriptores e poetas nacionaes, encorajando os novos e despertando o gosto do publico pela leitura. Offerecerá excepcional interesse aos homens de letras e ás pessoas cultas, tanto quanto ás de mediana cultura. Pela escrupulosa escolha da materia se destina a constituir a leitura predilecta da familia brasileira.

A **NOVELLA SEMANAL** vem resolver no Brasil o problema do livro popular, do livro baratissimo, ao alcance de todas as bolsas. Cada numero será vendido ao preço excepcional de **400 réis**, constituindo um verdadeiro livro, pela extensão, variedade e interesse da materia.

TIRAGEM INICIAL: 25.000 exemplares.

APPARECERÁ TODAS AS QUINTAS-FEIRAS.

Assignaturas	Sendo os exemplares remettidas como cor- respondencia simples	Sendo todos os exem- plares remettidos sob registro
Trimestre	5\$000	8\$500
Semestre	10\$000	17\$000
Anno	20\$000	34\$000
Numero avulso	\$400	\$700

Pagamento adeantado. Todas as pessoas que angariarem tres assignaturas terão direito a uma assignatura gratuita.

PEDIDOS DESDE JÁ Á

SOC. EDITORA OLEGARIO RIBEIRO
RUA DIREITA, 27 (2.o andar) — CAIXA, 1172 — S. PAULO

B R E V E M E N T E
"A NOVA PLEIADE,,



COLLEÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

Cada volume, coprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a colleção com o livro MANHÃ do poeta paulista GRACCHO SILVEIRA.

SOC. EDITORA OLEGARIO RIBEIRO
RUA DIREITA N. 27 (2.o Andar) — SÃO PAULO

A Novella Nacional

AMADEU AMARAL

(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

Num. 1

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO
RUA DIR... 25... S. PAULO

1\$000

